

classop (papéis varios)

O livro-arquivo classop –papéis varios apresenta-se como literatura², isto é, duas fases em loop no campo visual e semântico da passagem da leitura do papel à literatura electrónica.

A primeira etapa deste projecto consistiu numa residencia no arquivo de l. dos santos em lisboa, que resultou num livro de artista, posteriormente encadernado em malmö. O livro classop (contração de classe operária) apresenta uma samplagem da literatura do periodo PREC - periodo revolucionario em curso (pós 25 de abril), a partir de livros de arquitectura, planeamento urbano e educação, assim como a influência dos acontecimentos históricos que marcaram a luta anti-fascista, o maio de 68, as revoltas estudantis, e a revolução dos cravos.

A segunda fase contém a vivência virtual do livro, e esta fase foi desenvolvida em sessões de trabalho usando skype e webcam, em que o lugar da biblioteca na rede se foi alargando, baseada numa metodologia de encontros online.

Um livro sobre uma biblioteca é um index que é também a construção de uma epistemologia sobre o livro e o estado de não-conhecimento. Um livro-ficção baseado em fragmentos de realidades m*ultiplas, representações ensaiadas sobre conceitos em estado de mutação.

A ele se chega viajando pelos documentos, de uma prateleira a outra, seguindo o chamamento das lombadas, a atracção das encadernações e mais que tudo a materialidade do papel. Sentindo-se a entropia da estante, visível na sua organização enquanto corpo orgânico, acumulação de textos agora clássicos, misturados com ícones de décadas passadas, envolto no pó mais recente entrado pela janela e testemunho de que a vida lá fora não pára.

Essa camada de sujidade confere à estante uma segunda pele, que me suja os dedos, contaminando o meu corpo com essa biografia que é a da biblioteca, narrativa pessoal do seu criador, agora já parte de mim, mapa-mancha, uma chave para aquele labor de acumulação que resultou neste monumento-arquivo, retórico e idealizado.

A biblioteca como lugar e não lugar, sítio e não sítio, espaço relacional, onde a conversa se origina, perguntas são formuladas, memórias activadas, o mito de um país desdobrado e entrelaçado com o de outros, numa intertextualidade crítica e politica, de subjectividades e representações ideológicas. A cumplicidade, a intimidade desse encontro que transporta o corpus bibliografico de dados históricos a pixeladas fantasmagóricas.

Louise Michel

